



Gaiato

18 DE ABRIL DE 1970

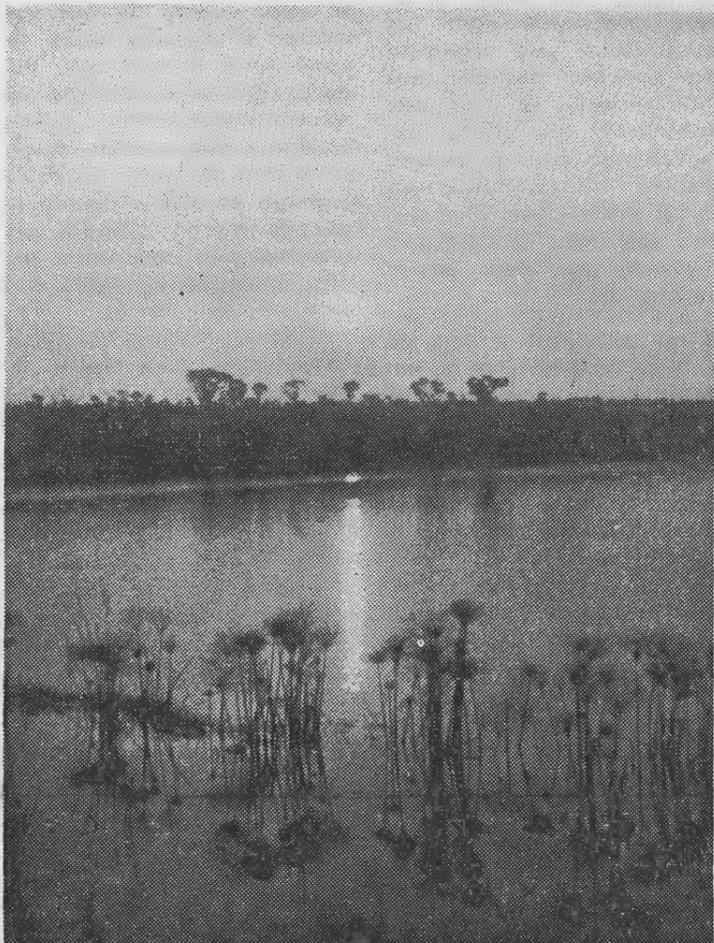
ANO XXVII — N.º 681 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



O pôr do sol na nova lagoa da nossa Casa de Malanje.

CANTINHO DOS RAPAZES

Diante de mim um recorte de jornal vespertino com o subtítulo: Pôr a trabalhar os portugueses. E o tema é este: Porquê «por toda a parte ouço dizer que os portugueses são trabalhadores excelentes, com aptidões profissionais e com capacidades notáveis», e em Portugal, «não cesso de ouvir que o trabalhador português é pouco produtivo, que os serviços não dão o rendimento desejável, (...) que os salários são baixos porque a produtividade não lhes corresponde devidamente e não justifica a sua melhoria»?

É um problema que, naturalmente, nós também conhecemos no nosso pequeno mundo e ao qual vós não sois estranhos, mesmo à escala nacional. Tem-se falado. E temos falado não por derrotismo, mas pensando que deve estimular-nos a consideração de um mal comum para que juntemos forças e saiamos do ponto-morto.

Porque será assim?... Muitas causas se poderão invocar, certamente. Mas julgo que uma, de algum modo, resumirá todas: a falta de inteligência no trabalho; a falta de consciência do trabalho.

Porque somos normalmente dotados e nem sofremos, sequer, em comparação com a capacidade de homens de outras línguas — colocados em estruturas mais organizadas, onde

Continua na TERCEIRA página

Campanha de Assinaturas

A procissão segue de vento em pôpa! E com todos os devotos compenetrados do seu papel. De facto, não há memória — desde a primeira Campanha, na década de 50 — de uma rentabilidade qualitativa como a presente. Muito cuidado, o melhor critério — o maior interesse em todos os pormenores. Tanto que Avelino já exclamou: «Olha que não recebemos, ainda, um único jornal devolvido!...» E, pelas suas contas, a própria colheita soma 1.175 novos assinantes até 26 de Março. Magnífico! Vamos a caminho dos 2.000...

em que, com que tristeza o reconheço, talvez não haja ninguém que leia o nosso querido «Famoso».

«Deus permita que estas 7 pessoas venham a ser o fermento que tão necessário é para propagar aqui o «Famoso».

«Peço desculpa por a lista ir tão enxovalhada. Entreguei-a a uma pessoa e ela devolveu-ma assim.

«Deus permita que estas pessoas recebam os benefícios espirituais que eu tenho recebido com a leitura de tão elevada Doutrina.»

Aqui têm como é possível — numa «terra em que, com que tristeza o reconheço, talvez não haja ninguém que leia o nosso querido «Famoso» — engrossar a procissão com mais sete novos leitores! Terra pequena. Mas está o fermento. E vai actuar, se Deus quiser.

● CONTINUO...

Aquele amigo de um liceu da Beira Baixa, conhecido desta coluna, marcha exuberante — como S. Paulo naquele tempo. Ei-lo:

«Como havia prometido, con-

Continua na TERCEIRA página

Aqui Lisboa

«A campanha sistemática de construção e realojamento», a que se referiu o novo Presidente da Câmara de Lisboa, não poderá processar-se sem uma coordenação de vértice e em profunda união com os Municípios vizinhos da Capital. Caso contrário corremos o risco de agravar a situação caótica das zonas periféricas de Lisboa, como por exemplo, para não falar em mais, os casos de Moscavide e de Algés, respectivamente dos concelhos de Loures e de Oeiras. Tem sido constante dos fenómenos de urbanismo, quando desordenado e desumano, a simples transferência dos «dormitórios» dos grandes centros, passando a ocupar pontos progressivamente mais distanciados das zonas de trabalho, com correlativas dificuldades de transportes e outras, além da inerente sobrecarga do orçamento de cada um. Por assim dizer, os Pobres ou os mais débeis sob o ponto de vista económico, como agora se diz, vêm acumular cada vez mais os seus males, sendo, por assim dizer, «escorraçados», à medida que a construção dos mais poderosos

ou dos serviços avança. Isto tanto tem acontecido no Continente como na África, numa manifestação plena de injustiça ou de inconsciência.

Entre outras dificuldades que irão surgir há duas que requerem espírito prático e inteligência esclarecida, em ordem a resolver firmemente e em justiça. Estamos-nos a lembrar em primeiro lugar dos escolhos que irão ser postos pelos gananciosos e oportunistas, tantas vezes autênticos exploradores dos mais destituídos, embora sob a roupagem de necessitados; em segundo lugar não devemos esquecer os direitos daqueles que, embora usando uma camisa lavada, nada mais têm, mas são para muito boa gente ainda, mesmo para os a quem compete resolver, só por esse facto, pessoas de teres e haveres, como se o uso ou não uso da água e do sabão destrinçasse as situações reais.

Na medida das nossas possibilidades, iremos

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Ora vamos lá a concluir a última saída. Abrem os de todos os meses: É a Maria do «Pequeno Louvre», 4 vezes. Idem, Berta e Jorge. E outras tantas do Assinante 6790. O mesmo do Major do Silêncio. E. D. M. com os seus 20\$ mensais. Assim como a que pede «Uma A. M. pela conversão de um chefe de família» e Berta, de Lisboa. A Odete, de Leiria, pôs as suas contas em dia com o Património e o Calvário, até ao fim de Dezembro passado. E, finalmente, a Alda, do Ramal de Tomar, com os seus 70\$ mensais e mais 940\$20 «donativo que deram pela primeira vez para o Natal e quisemos enviar tal qual para a ajuda dos vossos Pobres mais necessitados e também pela alma de uma filha querida que perdemos vai fazer 11 meses». E descanse, Alda do Ribatejo (como a costume nomear), que todas as suas remessas cá vêm dar.

Seguem os das Casas a prestações. Ora oiçam:

«Com satisfação vejo terminado o Mistério da Ascensão e, como sempre, animado mas receoso pelo que se segue, «A VINDA».

AGORA

Com a ajuda de Deus chegarei ao fim.

Num dos últimos números de «O Galato», falavam da dificuldade em dar nome às casas, para cuja construção se faz o pagamento por prestações, agravado este problema pelo maior custo dessas casas.

O meu caso é um pouco diferente e, o meu desejo, é conseguir concluir os 15 mistérios, que dariam ocasião a formar o Rosário Padre Américo a construir em Paço de Sousa ou Porto, conforme meu desejo transcrito no v/ jornal de 25/1/58.

Quanto a valor, no final da prova se estudaria a melhor forma de realizar o restante».

É exactamente igual a minha posição: «animado, mas receoso» quanto à possibilidade de

concretizarmos a ideia do rosário, todo junto.

Entretanto, começou a construção de «A Vinda» que tem prosseguido mensalmente com toda a regularidade. Também a Casa José Carlos levou quatro aumentos e vai na 9.ª prestação. Outros tantos de M. M. — A. L. Mil para a Casa N. S.ª da Boa-Hora. Com mais 100\$ a Maria Luisa «perfaz a importância de 8000\$00 e peço a Deus me ajude para que, em breve, eu possa acabar de cumprir esta promessa». 2500\$00 de Maceira Liz. Agora é Coimbra:

«Junto segue um vale de 100\$, ao qual dará o destino mais conveniente; porém, será possível destiná-lo a uma pequenina casa? Pequenina, mas asseada, onde a Paz de Deus reine e possam viver muito felizes um casal! Casal

ou não, isso não interessa mas que lhes vá servir de agasalho ao corpo, já que o agasalho do espírito é dado por Deus e que este nunca lhes falte, principalmente.

Tenciono enviar mensalmente 100\$00, pequeninas areias que se irão amontoando, Deus o permita; são pequeninas é certo, mas dadas com Amor. O Sr. Padre, poder-me-á dizer em quanto ficará uma pequenina casa? Agradeça bastante, mas estou pensando de mim para mim: «Maria não queiras engrandecer-te, querendo sózinha construir — «Areinhas de Amor». Poderá ficar com este nome para ponto de referência a quando dos meus envios posteriores?»

Esta carta traz a data de 3/2/70. Pois exactamente um mês depois, aí estava outra com os 100\$ anunciados com esta recomendação: «Agradeço o incógnito, no amor de Deus.» De Ana Maria 80\$ para uma telha da Casa Sagrada Família. Maria Ana mais o Pedro enviam 500\$ para a Casa do Espírito Santo e «lamentamos as nossas ausências tão prolongadas, mas vamos a ver se este ano marcamos mais presença.»

Quatro «gotinhas» de 100\$00 para a Casa de Sta. Filomena. Outras tantas remessas de Cruz, da Beira, para a Casa de meu

Pai. 150\$ para a Casa Renovando um compromisso. «Mais duas pedras (14.ª) para a Casa de S. Carlos. Quinhentos de Maria Helena, de Torres Novas. Dois mil, e outros dois para a Casa de Sta. Terezinha, que perpez 31 contos.

O «Amigo e desconhecido» deixou mais 3 contos, silenciosamente, para a Casa de S. Carlos.

O Casal-assinante 28.562, com o presente envio de 1300\$, atingiu a 203.ª prestação:

«Damos graças a Deus por acharmos que temos andado bem e sem custo. Começou a vislumbrar-se a possibilidade de também virmos a ter a nossa casa, embora só paga em menos de metade, antes de concluirmos o pagamento daquela do Património, o que nos parecia impossível quando iniciámos as prestações, desta. Pedimos a V.ª Rev.ª interceda nas suas orações a Deus para que nos conceda a graça de vermos realizada ainda neste ano esta nossa antiga aspiração.»

Maria do Resgate com mais 500\$00 para a Casa Sem Nome. Três vezes mais de Henrique de Carvalho «para ver se chegamos a pagar a casa que em 1967 falei aí e entreguei 12.000\$ angolares e que ficou só em 9 contos. Queríamos, ao menos, mandar até 15 contos».

A «Mãe que crê em Deus» cortou a meta dos 12 contos e não desfalece na amizade que nos tem de longa data. Mais 2000\$00 para a Casa Agradecida a Deus. Mais 1500\$, duas migalhas para a Casa das 3 Marias, mais prá da Rosarinho.



VISTAS DE DENTRO

O divertimento da moda cá em Casa é, agora, o pião.

Como gosto de os ver rodopiar com «gana» e das rodas que os rapazes fazem à volta deles.

Como o lugar predileto para as jogadas «ferrenhas» fica por baixo da janela do escritório, consolo-me todo ao ver uma partida de pião bem jogada.

Era hora de recreio e encontrava-me no escritório quando oiço grande algazarra. Vou à janela e vejo um numeroso grupo à volta de quatro jogadores que em clamor os entusiasmavam. Ora o que me admirou no meio daquela barafunda foi ver o Carlitos ser um dos jogadores e por sinal o mais «ferrenho».

Carlitos é o nosso motorista e já pai de dois filhos e com a calvície a surgir.

Era para ele a maior claque e o seu jeito de lançar o pião, de «nicar» a piasca e o aparar à mão dizem bem do entusiasmo dos espectadores e da categoria do Carlitos como jogador.

Que bem ele joga e como gostei de o ver ali junto dos irmãos e com eles a viver aquelas horas num divertimento

sádio e em que as idades não contam, mas sim a fraternidade!

Que bem me soube assistir àquelas jogadas onde não há o insulto, a violência, a desordem e malcriadez. Que bom se a nossa juventude voltasse a gostar destas diversões simples e que fazem também os homens simples!

Confio em que, à era de violência que hoje vivemos, onde os brinquedos se medem pelo realismo da imitação de armas de guerra, se siga uma nova evolução onde os piões e seus similares voltem a ter lugar. Isto não será retrocesso, mas sim progresso.

X X X

Final as pombas, que justificavam um pouco a demora da limpeza dos refeitórios, para que pudessem encher o papo com as migalhas, desapareceram.

Parece que Carlitos precisou de dinheiro prás chuteiras e toca de o arranjar com as pombas. Fiquei com pena, pois já me tinha habituado à sua presença entre nós.

Gostaria de as voltar a ver; mas preferia que as que viessem a ocupar o lugar das ven-

didias, fôssem de leque.

Não haverá entre os amigos leitores quem as tenha de sobra e nos queira mandar?

Para além da alegradela era uma maneira de não me arrelhar com a demora nas ditas limpezas.

X X X

Já que subimos ao plano dos pais de família, aí vai esta de um que ainda o não é, mas sim casadoiro: o Neca, de Malanje.

O caso deu-se assim: Meno apareceu com uma pilha. Esta gente miuda aparece frequentemente com as coisas mais inesperadas, quase sempre fruto de «negócios» não muito lícitos. Tanto assim que, em princípio, está decretado que todas as trocas são anuladas, a menos que se prove razão em favor.

Pois tendo sido o Meno visto com a pilha, tratou-se de indagar a proveniência do produto. E o que se apura?... Que o Neca, que transformou a Casa 1 (Casa dos Condes, como corre na nossa gíria) em museu e tem a paixão das artes decorativas, trocou ao Meno a pilha por penas de pavão, que ele achou necessárias a mais um embelezamento projectado.

Ora vejam como se está cumprindo, a níveis já bastante responsáveis, o despacho de Pai Américo: «Negócios, nem com o Vaticano!»

Padre Abraão

Barracas

Um dia destes, fomos a Lisboa. Corremos na auto-estrada, atravessámos a ponte sobre o Tejo e só abrandámos o passo para mirarmos uma beleza fora dos olhos dos poetas e muito menos daqueles que ali passam num «boca de sapo» a toda a velocidade. Não há vagar para ver esta paisagem que é um autêntico miradouro com espelho a reflectir nas águas vizinhas e a contrastar com as grandezas da auto-estrada mais da ponte.

Uma cabana feita de tábuas e latas, como que um monte de caixotes velhos lançados numa nitreira. Nem todos quantos ali passam, mesmo que abrandem a marcha, conseguem adivinhar a vida que há naquele montão de caixotes.

O nosso Matateu dizia, enquanto mirávamos: — Muitos dos que ali vivem nem dali querem sair, e são capazes de viver «melhor» do que numa casa decente.

— Ora aqui está o porquê desta epígrafe: O engano de viver melhor, mais a miséria social que os teus olhos podem ver se deixares a auto-estrada, e fores pelo teu pé dentro de cada uma daquelas barracas.

Eu nunca entrei naquelas; mas em tantas em que entramos,

ainda não encontrámos outro caminho que não seja a miséria duma família que ali viveu por circunstâncias desta ou daquela espécie, e essa miséria foi passando duma geração para a outra sem haver quem os levasse para a tal «casa decente», o que equivale a dizer: ter casa onde se possa criar e educar Família.

Dou-te como exemplo um homem ainda novo que vivia numa das muitas ilhas do Porto. Todo ele era uma vida sem gosto, onde o álcool era senhor. A Câmara deu-lhe uma casa para que ele pagasse renda consoante o seu ganho. A «ferida» custou a cicatrizar, mas a carne nova começou a aparecer, e a transformação fez-se. Hoje tem filhos, e se lhe perguntassem mais aos filhos se queriam ir para uma barraca ou casa de ilha, haviam de ver a resposta. Os netos dirão o mesmo e eis uma geração que não é capaz de viver melhor na barraca do que numa casa «decente» onde a Sociedade pode colher seus frutos. É bom que abrandes um nadinha a marcha do teu carro e olhes aquelas barracas mais os seus homens que estão lá dentro. Há ali perto tanto terreno sem prédios!

Ernesto Pinto



OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página

tinuo entregue ao angariamento de assinaturas para o «Famoso» — estandarte número um daqueles que necessitam de Paz, Amor e Justiça Social. Esta lista é mais pequena, é certo, mas não menos entusiastas do que aqueles que já tomaram, por sua livre vontade, o caminho da grande Família que constituem todos os que admiram a extraordinária Obra de Pai Américo.»

● DESPERTEI!

Cresce a pesca em estabelecimentos de ensino — a começar pelos professores. Que bom! A propósito, botem os olhos para esta carta de uma cidade alentejana:

«Como não podia deixar de ser, também eu pretendi ir engrassar o exército já numeroso de todos os que têm trabalhado na Campanha de Assinaturas.

«Tinha já a lista de novos assinantes há um mês, mas aconteceu um imprevisto com a azáfama diária do labor liceal: passou-me de todo enviá-la para aí. Só anteontem, quando lia o último número de «O Gaiato», despertei e, sem mais delongas, aqui estou para cumprir a minha promessa.

«Segue a lista das pessoas (7) para as quais passa a ser enviado o «Famoso». São todas elas Professores e Professoras deste Liceu de ... e para aqui peço seja enviado o quinquenário.

«Quanto ao pagamento, alguns queriam entregar-me já o dinheiro. Disse-lhes que aguardassem algum tempo mais. Pode ser que seja eu a recolhê-lo e a despachá-lo para aí. Deus dirá.»

Não há dúvida, o «Famoso»

Campanha de Assinaturas

entra em muitas escolas e liceus e universidades, senão directamente, pela mão de docentes. É o caso. E por discentes, também. Pois que o fermento continui a levedar. Trabalho formidável — a bem da Nação!

● OS VELHOS TAMBÉM CONTAM...

Os velhos também contam. Ora vejam:

«Junto envio um vale de 310\$00 para pagamento de seis assinaturas novas, únicas que consegui arranjar-lhes e renovação da minha.

«Para o caso de aí perderem o impresso da Campanha e porque duas das assinaturas foram pagas por preços superiores ao normal, repito a seguir nomes e moradas.

«É favor verem no ficheiro da Editorial se tenho lá alguma dívida, pois, no caso afirmativo devem subtrair daquela importância o dinheiro necessário para a sua liquidação. Estive por várias vezes com a fama de caloteiro por ignorar a existência dos dois ficheiros. Não a quero mais.

«Com os meus votos de conseguirem muitas e muitas assinaturas novas (demorei enviar esta lista para ver se conseguia mais assinaturas), peço que creiam na amizade muito sincera do assinante 4879.

P. S. — Já sou um velho com os meus 82 anos, mas enquanto Deus me conservar a vida encarregar-me-ei da co-

brança das assinaturas que lhes arranjei.»

Muito bem! Que Deus o ajude.

● PARA NÃO HAVER FALTAS

Agora, um postal com matéria actualíssima:

«Desde há muito que compro o Jornal «O Gaiato», sempre que me é oferecido. Mas há ocasiões que tal não acontece, por vários motivos. Assim, agradecia, para não haver faltas, incluam-me entre os assinantes, rogando a fineza de me enviarem o recibo ou dizerem-me — e é melhor assim — quanto devo enviar, para remeter um vale do correio.

«Com desejo de progressiva continuidade de tão grande Obra...»

Aí têm — os leitores-avulso — um estupendo processo de leitura assídua e perseverante — a assinatura do jornal. Quem dera ouvissem todos o apelo. E dessem notícias para cada uma das nossas Casas, nas respectivas zonas.

● PRESENÇAS MACIÇAS

Temos de ficar por aqui! E é pena. Entretanto, porém, convém acentuar que recebemos presenças maciças de Moçambique. Só de Nacala uma lista de 24 novos leitores, pela mão

de um sacerdote amigo. Que bela missão! Registamos outras séries de Lourenço Marques, Ile e Catembe.

● SE FOSSE EM ANGOLA...

Na África do Sul também há compatriotas interessados. Boas notícias de Joanesburgo e Nelspruit (Transval). E um gemido naturalíssimo, de Pretória:

«Dentro desta segue um cheque de £ 8.2.8. que é o produto das assinaturas que consegui arranjar.

«Gostava muito de mandar a lista cheia, mas não consegui. Se fosse em Angola — onde estive muitos anos — estou convencida que até duas listas enchia; mas aqui não se vê o mesmo interesse que lá.

«Junto também a lista que me mandaram, com letra diferente, para melhor escreverem

as direcções quando enviarem o «Famoso», assim como a oferta de cada uma.»

Da costa ocidental anotámos gente fresca de Luanda e Malanje.

● PELA METRÓPOLE

Continuamos a receber grupos numerosos de grandes urbes da metrópole, como Lisboa, Porto, Setúbal, Coimbra. E de zonas populosas como Gaia, S. João do Estoril, Algueirão, Amadora, Algés, Covilhã, Castelo Branco, Parede, Viseu, Gondomar, Queluz, Sacavém, S. Félix da Marinha, Valadares, Évora. E de muitas outras localidades que não é possível indicar na totalidade: Guetim, Baguim (Rio Tinto), Angeja, Valongo, Paredes do Bairro, Glória do Ribatejo, Salvaterra de Magos, Furadouro (Ovar), Murtosa, Ois da Ribeira, Silveira (Oeste), etc. Um mundo de terras, um mundo de gente!

Os senhores não esmoreçam! E preparemos o caminho para os 2.000. Basta manter o fogo a crepitar...

Júlio Mendes

Cantinho DOS RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página

todo o trabalho é previamente pensado segundo o princípio do menor esforço, fazemos boa figura.

No nosso meio de origem, embarcamos na improvisação; julgamos que o trabalho manual não exige cabeça; não nos damos conta do esforço perdido em gestos inúteis que se repetem e somam ao longo dos dias; não damos apreço à cultura das nossas aptidões naturais, deixadas a si mesmas, um pouco selvagens; queremos colher sem darmos tempo à insubstituível maturação dos frutos — e o resultado vê-se: não conseguimos competir com povos cujas qualidades natas não nos são superiores. E então? Então, não nos reabilitando nós-mesmos: ou vegetamos os que ficarmos; ou vamos servir os outros, sob a orientação alheia, às ordens e ao serviço da prosperidade estrangeira.

É sabido que a emigração, com a consequente escassez de mão-de-obra, valorizou a restante. Ótimo! Mas o que aconteceu? Ou melhor — o que é que ainda não aconteceu? — Foi um mais racional aproveitamento da mão-de-obra que há e isto por falta de organiza-

ção dos responsáveis, sim; mas também pela inércia dos trabalhadores em aderir a uma mentalidade nova que lá fora não podem discutir e em que se integram.

Não há outra hipótese para salvaguarda da nossa independência económica (após a qual sucumbirá praticamente toda a independência), senão pôr os portugueses a trabalhar. Porque se vá exigir deles que se desentranhem em esforço? Não. Basta que em todo o trabalho se ponha inteligência. Que não se queira colher sem semear nem cultivar. Que antes de tudo cada um tome consciência do seu valor próprio e se dê a enriquecê-lo pelo estudo, pela aprendizagem das melhores técnicas, hoje mais perfeitas do que ontem e ultrapassadas pelas de amanhã. Que supere a mesquinhez que a todos corta as asas e considere que só no bem-comum cada qual tem a garantia do seu próprio bem; nem pode haver sã prosperidade individual no seio de uma sociedade pobre e mal organizada.

Quem me dera que o nosso pequeno mundo fosse uma fonte de água pura a jorrar trabalhadores bem mentalizados para a edificação do Portugal de amanhã!

LOURENÇO MARQUES

Vai distante o Natal e ainda não registámos aqui a presença de tantos amigos que quiseram marcar a nossa vida com um pouco de calor do seu coração. Bem sabemos que não esperam agradecimento, mas o trazer para aqui esse relato é mais uma ocasião de nós e os leitores darmos graças a Deus.

Vai à frente a Mobil com quatro mil escudos, como no ano passado e aguardamos o mais que está para vir. Da Catedral trouxemos 50\$, mais 100\$, mais 2.000\$, e 430\$, mais 193\$50 da Permar.

A Beira esteve presente com 300\$ mais 80\$ a pedir que acuse, e 150\$ mais 100\$ todos os meses de Cruz.

Muitas vezes e de muitos lados jornais, roupas e calçado. Na Farmácia Normal pequenos embrulhos de roupa e calçado também e igual de um antigo colega de Seminário e de A. Afonso e outros amigos o mesmo aos vendedores e para eles.

Dos soldados que trouxeram

o nosso Tadeu uma subscrição de 4.289\$. Bolos de uma festa no BNU por duas vezes, mais outra da Associação dos Empregados, que foi para os nossos um autêntico banquete. Mais mercearia, roupas e quinhentos escudos e duas camas duma senhora da 24 de Julho que inquieta as suas amigas com as nossas necessidades. Mais cem, roupas e guloseimas de duas senhoras. De L. Lima dois fogões a carvão. Uma banca de cozinha. De um furriel que anda no mato 100\$. Deus guarde todos os nossos soldados.

Visitantes com 200\$, 100\$, 50\$, 220\$, mãe e filha com 1.800\$ de uma promessa; mais 450\$, 50\$, 900\$ e muitas roupas, 500\$, 2.000\$, outra vez; 100\$, e 250\$. Na rua do Jardim roupas e na mesma uma carrinha cheia de utilidades. Do Sr. Julião mil. Mãe e filha com 1.500\$. Para Missas cem, mais cem todas as quinzenas, e há dias mil, mais mil e trezentos.

Para a nossa consoada 100\$, 150\$, mais 200\$. Mil na despe-

didada de quem deixou nesta terra o coração. Idem duma funcionária das Obras Públicas e outro tanto e um mealheiro cheio do Pessoal da Secretaria. Em casa do Sr. C. Mendes 2.506\$. Da pedreira do Vergueiro mais 70 m3 de pedra para cimento armado. Alguma espera a sua vez na casa-mãe, enquanto outra está a ser aplicada na casa de habitação que já vai a meia altura. Shell com mil; idem da C. P. 331 pelas melhoras. Nos C. T. T. telegrama pago por um funcionário. Mais uma consoada monumental de família muito amiga da Rua 31 de Janeiro. Carpetes e passadeiras de H. R. Serra. Um cheque de 500\$. Do ass. 31.215 quatro vezes mais, para nós e Lar de Coimbra.

«Para que esta pequenina dádiva faça um moço feliz e o meu filho um homem de bem». Senhora viúva com mil. De um casal o dobro em cheque.

E finalmente o Lions Club em confraternização com os nossos rapazes deixou-nos a dispensa cheia, jogos, livros, ferramentas de carpinteiro e serralheiro e muito interesse pela Obra.

A todos Deus ajude numa medida muito maior.

Padre José Maria



FESTAS

EM ABRIL

DIA 20
às 21,30 h.

Cine Teatro de Tomar

DIA 25
às 21,30 h.

No Salão dos Bombeiros
Cantanhede

DIA 27
às 21,30 h.

Cine Teatro Avenida
Castelo Branco

DIA 28
às 21,30 h.

Cine Teatro da Gardunha
Fundão

DIA 29
às 21,30 h.

Cine Teatro da Covilhã

EM MAIO

DIA 2
às 21,30 h.

Teatro Cine Pombal

DIA 9
às 21,30 h.

Império Cine Teatro
Lousã

DIA 14
às 18,30 h.
No Monumental — Lisboa

PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

É a primeira vez que utilizo estas colunas do nosso «Famoso» com o título, que por vezes esquecemos.

Sou gaiato desde a chegada dos nossos irmãos vindos da Metrópole, para no meio deste lamaçal fazerem algo que remediasse a situação. Resolvi desta vez escrever-vos e contar-vos algo, apesar de estar pouco tempo em Casa. Sou filho da Obra, portanto estou dentro do que se passa. Nunca escrevi antes porque talvez notasse falta de capacidade, mas como estamos em Família, resolvi hoje mesmo fazê-lo. É com grande amargura que fico quando me chega às mãos o nosso jornal — este que é nosso e vosso e de todos aqueles que o quiserem saborear. É um dos meios de comunicação entre nós e vós, e é pena que por vezes não traga nada escrito desta Casa. Sem dúvida que isso nos aborrece. Mas o que havemos de fazer se nos faltam os escritores? Somos cerca de 115 rapazes. É verdade que a maior parte delas são pequenos, mas também temos bastantes já crescidos, os quais, com um pouco de vontade, também poderiam escrever para o nosso porta voz. Assim dáva-

mos notícias e os escritores variavam, que isso tinha o seu interesse. Mas como nos falta o espírito de iniciativa, a nossa Casa fica às vezes incógnita. As nossas desculpas.

Construções — As escolas já estão quase a começar com a sua função que é educar e instruir os rapazes que a sociedade abandonou e continua abandonando. Estamos agora quase no início de uma casa de habitação para podermos aceitar mais rapazes que esperam por alguém que os tire da miséria e isso é a nossa missão. Nossa, dos nossos padres, que se batem sem reservas para fazerem do lixo da sociedade uns verdadeiros homens do futuro. Esse é, sem dúvida, o maior desejo dos nossos padres, que sabe Deus o que eles passam por nós, só para nos ver bem. Eu vos apelo: tornem-se nossos solidários podendo assim mostrar a vossa generosidade e o cumprimento dos vossos braços, ao mesmo tempo ajudando-nos a ajudarmos os que esperam ansiosos por isso. Tantas almas e tantos corpos que padecem só porque a sociedade os desprezou! Terão eles culpa?

Rapaziada — Tudo normal graças a Deus e ao nosso P.e Manuel que se sacrifica por nós — acto que nos põe seguros e confiantes a enfrentarmos o mundo. Muito temos que fazer para tirarmos estes inocentes que quase morrem sufocados no meio da lama. O nosso desejo era podermos sentá-los todos à mesa ao nosso lado; mas isto só não basta. Isto não vos diz nada?

Sejamos humanos.

Luis Manuel

X

TOJAL

Dia de festa, de alegria e animação. Dia do casamento do Rafael com a Maria de Jesus. Domingo diferente de todos os outros pelo seu sol e pela sua brandura. Todos estes factores denam ao dia tal solenidade que nunca mais será esquecido por todos os Rapazes. Previu uma união repleta de felicidade e de gozo dependente dum Sol mais jubiloso e brilhante que o desse dia.

A boda foi farta e cheia de iguarias. Para a tornar possível toda a Casa trabalhou desta ou daquela maneira. Não foi pequeno o esforço do Senhor Padre Luiz e das Senhoras em quem caíram as responsabilidades. Foi o primeiro encontro de casados. Um encontro com aqueles que mais de perto comunicarão com um casal unido e feliz. Um encontro com as

testemunhas do cumprimento de promessas feitas diante do altar.

Os convidados, familiares e amigos, mais os Rapazes não chegaram para consumir tudo o que nas mesas se tinha posto à disposição.

Terminado o banquete, o Rafael e a Maria de Jesus mostraram a sua futura habitação aos amigos e familiares. Nós já a conhecíamos. É uma casa confortável, acolhedora, bonita, bem mobilada, com um quintal e uma casa de arrecadações anexa. O indispensável contributo para uma felicidade são.

E assim nos vimos afastados do Rafael. Sabemos que não está desligado da Casa e continua conosco, mas mesmo assim somos invadidos por uma certa tristeza. Já não poderá tomar parte nas nossas descontrações porque as suas responsabilidades são outras e ele agora é chefe de família. Há um lugar vazio no refeitório e uma cama vaga num quarto também vago...

De toda a malta do Tojal aqui vão os votos das maiores felicidades para ti, Rafael, e para a tua mulher.

X X X

Aproxima-se a inauguração da nossa Casa-Mãe. Para isso já se está trabalhando. A cozinha e o refeitório têm dado um trabalho com o seu apetrechamento. Tem havido muita dificuldade em se saber o que falta pois o «material» é muito e de muitas espécies. Até agora o que se conseguiu sabor é que temos grande falta de copos de vidro. Para arranjá-los vai ser um caso sério, visto a quantidade que necessitamos ser muito dispendiosa. Pedimos a quem os tiver em excesso que no-los enviem pois reduzirão as despesas que talvez venhamos a efectuar.

Anteriormente apresentei aqui um pedido acerca duma encerradora para a nossa Casa-Mãe. Infelizmente ainda não recebemos qualquer nota de alguém que nos pudesse oferecer uma, mesmo bastante usada. Continuamos à espera, inspirados no velho provérbio de que «quem espera sempre alcança».

Mário Fernando

Visado pela
Comissão de Censura

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página dando aqui conta de algumas reflexões sobre tão momentoso assunto, que é o de facultar a cada homem um alojamento verdadeiramente humano.

X X X

As obras continuam. É um trabalho de Fé e de persistência. O silêncio do exterior não nos faz desanimar, embora uma

palavra ou um gesto, nos pudessem poupar ou desgastar e dar mais energias. Como a Fé não nos falta, até resolvemos ser ousados: quem se habilita a tomar à sua conta a construção duma casa de dois pisos, para 50 Rapazes, tirados dos piores ambientes ou situações, mas com corpo e alma como cada um de nós?

Padre Luís

Hoje entrei na Serralharia por via de combinar um trabalho que temos a meias. Entrei e vi que tudo ali era labor. Olhei para um lado e para o outro à procura do chefe da Oficina, e como ele não estava deu-me para olhar melhor. Fiquei contente: «Charruas», que anda no 4.º ano da Escola Técnica, estava agarrado ao «seu» torno, tão embebido que nem ligou ao meu chamamento; «Joy» e «Jaleca» estavam de roda das 47 carteiras e respectivas cadeiras, um a soldar, outro com a rebarbadora a afagar; o «Prego» estava de volta com outro trabalho que não perguntei. Tudo era labor, tudo era esforço de quem pensa no que está a fazer.

Ora, tudo isto não teria valor nenhum se eles estivessem comandados por um «polícia». Mas não; não estava o mestre, não havia guardas. Era o brio e a responsabilidade deles.

A responsabilidade cá em Casa é atribuída e discutida na consciência de cada um. Quando esta anda desnordeada, a nossa responsabilidade aumenta por via de chamar aqueles que não sentem, ou que a não querem sentir... O barro é lama, e para tirar obra é preciso esforço... Como é bom ver os nossos Rapazes a trabalhar, conscientes da responsabilidade que cada um tem!

...Temos que ser escola prós de dentro e também prós nossos amigos de fora. Eles são também nossos na medida

Setúbal

em que saboreiam e compreendem o nosso viver.

X X X

Eu andava há um rôr de dias para descobrir uma misteriosa ida dos nossos Vaqueiros para a casa da máquina de lavar roupa. Todos os dias de manhãzinha, se não era um, era outro, ou mais e entravam lá para dentro sem eu bem saber o porquê, julgando que iriam lavar as bilhas do leite. Ontem, porém, virei-me de forasteiro e cheguei-me mais à porta. Então vi — e dou por bem empregada a minha bisbilhotice — «Estromex» de roda de cãesinhos pequeninos a aconchegá-los em trapos. Eu não sei quem seria capaz de acarinhar assim tão bem.

Só queria que soubesses a história de cada um destes nossos Vaqueiros!

Eles, que não tiveram carinho, distribuem agora deles pelos animais. Onde a Escola? Eles com Eles mais a Natureza.

X X X

Joaquim é um dos nossos mais pequeninos. Tem cinco

anos. Está conosco já faz dois anos. Veio ele com um irmão, mais velho um ano. Eles os dois, mais o Zé Maria, são os reis da nossa Casa.

Pois o Joaquim, um dia destes teve o seu rico fôfo em pé de vento: Foi ao porta moedas da Mãe Tereza e tirou-lhe de lá alguns «tostões brancos», e aqui em Casa andou a distribuí-los pelos seus amigos predilectos — Américo e Fernando.

Perguntei ao Joaquim quem lhe tinha dado as ditas moedas, ao que ele me respondeu que tinha sido a Mãe Tereza. Achei história. À tarde, veio a Senhora do Lar e disse o contrário. Interrogado pela Senhora, tornou a mentir uma e mais vezes, dizendo que o achou, que lho deram e não sei que mais. Depois de ter as nádegas bem quentes, disse aonde fora buscar os «tostões brancos».

Que bom se as moléstias das nossas Casas se manifestassem nestas idades! Mas não... Quanto mais velho é o filho que foge da lei da consciência, maior é a dor dos pais.

X X X

Ontem vieram trazer a notícia que a vaca «Mosca» tinha tido dois gémeos. Hoje veio outra mais fresquinha: que temos mais uma ninhada de porquinhos.

Eles é que tratam dos animais e assistem-lhes quando algum está a parir. Tudo é beleza neles e nas coisas deles — tratadas por eles.

Ernesto Pinto



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE